Os Wagner
Warley Matias de Souza

Warley Matias de Souza

OS WAGNER

LEOPOLDO WAGNER

— Como é que eu tenho que dizer?

— Diga seu nome, idade, endereço, nome dos seus pais e conte o que aconteceu.

— Meu nome é Leopoldo Wagner...

— Continue.

— Não sei se é a voz adequada. O que acha? Devo engrossar mais a voz? Um grave? Estou mudando de voz. Era para ter acontecido antes, mas a natureza é caprichosa.

— Não importa a voz. Apenas faça o que falei.

— Claro que importa a voz! Ela está sendo gravada. É um registro para a posteridade!

— É apenas um depoimento policial, meu rapaz.

— Um depoimento com a minha voz!

— Não temos o dia inteiro.

— Calma, seu polícia, não precisa ficar bravo.

— Não estou bravo e não sou “seu polícia”. Sou detetive, detetive Miranda, ao seu dispor.

— Detalhes, detalhes.

— E então?

— Já está gravando?

— Há muito tempo.

— Mas não pode gravar sem a minha autorização!

— Já estou começando a perder a paciência, Leopoldo.

— Leopoldo Wagner, por favor, Leopoldo Wagner.

Tanto faz.

— Tanto faz não. Artista não pode ser chamado somente pelo primeiro nome, é meio desrespeitoso.

— Que seja.

— Você está sendo desrespeitoso.

— “Senhor”, por favor.

— Cheio de exigências, enquanto eu...

— FALE LOGO!

— Está bem, está bem, não precisa gritar.

— Fale.

— Meu nome é Leopoldo Wagner, tenho dezesseis anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco. Meu pai se chama Estênio Wagner, e minha mãe é Adelaide Wagner.

— Devo deixar claro que está aqui com a autorização de seus pais.

— Agora então vou contar como tudo aconteceu.

Acordei por volta das seis da manhã. Meu irmão, Jorge Wagner, ainda dormia. Aliás, não só dormia, roncava. Aí o senhor pode entender por que acordei tão cedo. É verdade que não foi só por isso, era o dia de estreia do novo *show*, e, apesar de ser um garoto prodígio, eu estava ansioso.

Não sei se o senhor sabe, mas a voz precisa de cuidados, e uma boa noite de sono é um deles. Mas não foi possível, por causa da ansiedade, como acabo de dizer. É, acho que estou me repetindo.

Fui ao banheiro do meu quarto. Não divido só o quarto com meu irmão, divido também o banheiro. O que, aliás, não é nada agradável. O Jorge tem

problemas intestinais terríveis! Mas não vou entrar em detalhes, não quero ser desagradável, e o senhor agradece, né?

No armarinho do banheiro, peguei a água de maçã. É minha avó quem faz. É só gargarejar três vezes ao dia. É uma bruxa aquela velha. No bom sentido, é claro. Não estou xingando a minha avó. Bruxa no bom sentido. Aliás, o senhor sabe como é que ela faz a água de maçã? Ela pega água mineral filtrada e... Tá bom, o senhor não quer saber, né? Não fique nervoso, é que sou muito detalhista. Acho que eu seria um bom detetive. Mas prefiro ser cantor. *Okay*, não me olhe assim, vou continuar.

Quando olhei no espelho do banheiro, quase não contive um grito de terror. Uma espinha! Enorme, vermelha, purulenta. Como eu poderia apresentar-me às minhas fãs com aquele monstro no rosto? Enlouqueci. Sacudi o Jorge, para acordá-lo. Precisava falar com alguém, desabafar, eliminar tamanha angústia do meu peito.

— Jorge — falei. — Vou pular de uma ponte!

— Vai e me deixa dormir — ele resmungou, mal-humorado, como sempre.

— Você não está entendendo, um monstro nasceu no meu rosto — eu disse.

Ele abriu os olhos sonolentos e viu aquela coisa assustadora na minha cara.

— Ah — resmungou, — a mãe faz uma maquiagem.

Aquilo me acalmou um pouco, pois minha mãe é especialista em maquiagem, transforma o rosto

mais repugnante em uma pintura de Rafael, Michelangelo ou Da Vinci.

Tenho um tio que é curador de arte. Sabe o que é isso?... Uhm... não quer saber, né? Então, deixa pra lá. Vou continuar o meu relato.

Voltei ao banheiro e passei minha máscara de lama, que devia ficar três horas em meu rosto, o que não foi possível, devido ao fato ocorrido. Não, não tira espinhas, mas impede manchas precoces na pele.

Em seguida, fiz quinze minutos de abdominais e duzentas flexões. O senhor já percebeu que sou um jovem malhado, né? Minhas fãs exigem esse sacrifício de mim. Mas compensa! Tudo é compensado pela tamanha adoração que recebo delas.

Enfim, Jorge resolveu sair da cama e foi ao banheiro. Para não ter que presenciar algo desagradável, vesti minha camiseta bege, *babylook*, é claro, e desci até a cozinha. A fome começava a dar sinais de sua incômoda presença, como garras de águia a arranhar o estômago.

Fiquei surpreso quando encontrei a Geni na cozinha. Ela é nossa empregada há anos, como se fosse uma segunda mãe. Meu pai agora deu para chamá-la de “secretária do lar”. Geni ri na cara dele, diz que não é secretária coisa nenhuma. A Nicole, minha irmã, diz que é politicamente correto chamá-la assim. Mas eu não sou politicamente correto. Quer dizer, diante de minhas fãs, eu preciso ser. Coisa de *show business*, a aparência é tudo. O senhor sabe o que é *show business*? Vem do inglês.

Okay, desculpe, sei que não é burro, não quis ofendê-lo.

Geni estava com uma touca branca de pano na cabeça. Sempre coloca uma touca assim quando está na cozinha, diz que é higiênico e que, no cursinho de atualização de empregadas domésticas, ou melhor, de “secretárias do lar”, um professor disse para usar touca e até luva! E avental também. Geni é muito organizada, parece uma militar, o avental está sempre impecável. Se suja um, há sempre outro de reserva.

Ela estava lavando uns pratos.

— Seu pai precisa parar com essa mania de comer de madrugada e sujar tantos pratos — disse ela, como sempre, cheia de críticas à minha família.

— Não é só ele não — repliquei. — A Nicole e a minha mãe também têm esse hábito.

— Hábito? — ela resmungou. — Pra mim, isso tem outro nome.

— Por que chegou tão cedo, Geni? — perguntei.

— Não cheguei, já estava — respondeu.

— Como é que é? — perguntei.

— Dormi aqui essa noite — ela falou. — O Júnior estava com febre. Sua mãe pediu para ajudar. Logo que o menino dormiu, dormi também, do lado do bercinho dele. Está dormindo até agora o pobrezinho.

O Estênio Wagner Júnior é meu irmão mais novo, está com oito meses, eu acho. Não entendo como uma mulher velha feito a minha mãe foi cair nessa de trazer aquele monstrinho para a família.

— Ummm... maaaa... maaaa... maaaa... — eu fiz.

— Para com isso, menino — ela protestou, — vai acordar a casa inteira.

— Estou aquecendo a minha voz — falei. — Sou cantor, esqueceu?

Peguei um pedaço de bolo de banana que Geni tinha feito na noite anterior. Gosto muito de bolo. Dei uma mordida e comecei a pensar numa forma de chamar mais atenção no *show* daquele dia, algo viral, pra correr na *net*. Esqueci que estava comendo bolo e comecei a vibrar minha língua em outro exercício de aquecimento vocal. E não deu outra, farelo para todo lado.

— O quê que você está fazendo, menino? — Geni gritou. — Parece criança de colo. Limpa isso aí.

— Desculpa, Geni — falei. — Esqueci que estava comendo bolo.

— Só não esquece a cabeça porque está presa no pescoço — ela falou.

— Mas como é que não percebi que você estava aqui ontem à noite? — perguntei.

— Não falei? — disse ela, enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro. — Um menino tão novo e tão desmemoriado.

— Ah, já sei — disse-lhe eu. — Estava conectado, postando coisas interessantíssimas para os meus fãs.

— Que marmota! — ela exclamou.

Nesse momento, meu avô entrou na cozinha, peladinho da silva. Ele é descendente de alemão,

tem uma bunda branca e murcha, coisa feia de se ver.

— Puta que pariu! — disse Geni, levando as mãos aos olhos, enquanto eu caía na gargalhada.

Meu avô nem ligou, abriu a geladeira e ficou olhando lá pra dentro. Depois a fechou e voltou pro quarto dele. Acho que queria só refrescar o “passarinho”. *Okay*, não achou engraçado, né?

Ele é o patriarca dos Wagner. Seu nome é Orland Wagner. Tocava clarinete, além de um monte de outros instrumentos, mas ficou conhecido como tocador de clarinete. Porém, agora está biruta, coisa de gente velha, o senhor sabe. Meu pai está preocupado, não sabe mais o que fazer. Mas eu me divirto. O vô Orland sempre foi gente boa e agora está muito engraçado.

Minutos depois, ele voltou, vestido com seu uniforme de marinheiro. Antes de se casar, viajava pelo mundo inteiro. Nossa, ele já me contou uma pá de aventuras, isso antes de “birulitar” de vez.

— E aí, Popeye — disse-lhe eu, — vai pra onde hoje?

— França — ele falou, com um sorriso de criança no rosto.

Ele se sentou à mesa e falou pra Geni:

— Garçonete, traz um café preto, por favor.

— Como se tivesse café branco! — resmungou ela, ainda irritada com a nudez do velho Orland Wagner.

Deu-lhe uma xícara de café.

— Depois te dou uma gorjeta, agora estou sem nada — disse vô Orland, com um sorriso amarelo. —

Gastei todo o meu dinheiro ontem à noite; mas valeu a pena.

— Agora começam as revelações — disse Geni, enquanto balançava a cabeça de lá para cá. — As lembranças da esbórnia.

Ele terminou o café, pegou o quepe de marinheiro e ajeitou-o na cabeça.

— *Au revoir*, *mademoiselle* — disse.

— Corre, Leopoldo — gritou Geni, — tira a chave da porta, senão ele vai sumir de novo.

Um dia desses ele saiu de casa, desapareceu. Por sorte foi encontrado por um vizinho nosso. Estava num bar e queria brigar com um cara mil vezes mais jovem e mais forte do que ele.

Corri e escondi a chave no bolso. Então, meu avô começou a ficar irritado, agitado.

— Chama seu pai — disse Geni. — Alguém precisa segurar o velho.

Subi correndo as escadas e, no início do corredor, ouvi aquele grito...

— Você pode ir, Leopoldo.

— Seu detetive, meu português estava correto? Isso é muito importante, eu influencio uma geração, preciso estimular meus fãs a falar corretamente.

— Não sei, não prestei atenção. E isso não me interessa.

— Tá bom então, não está mais aqui quem falou.

— Está liberado, rapaz.

— E quando vai prendê-la?

— Quem?

— A Geni, ora! Não quero fazer o seu trabalho; mas me parece óbvio que foi ela.

— Não tem nada óbvio aqui.

— Como não? Nunca leu romance policial?

— E daí?

— Daí que o culpado é sempre o mordomo, isso todo mundo sabe.

— Não diga besteira.

— Geni é o nosso “mordomo”, entende?

— Entendo. Vai embora e seja feliz.

— Obrigado, seu detetive, apesar do toque de sarcasmo.

JORGE WAGNER

— Por que está tremendo?

— É que tenho os nervos fracos, delegado.

— Não sou delegado, sou detetive.

— Desculpa, eu não sabia.

— Detetive Miranda, ao seu dispor.

— Sim, senhor.

— Soube que tem histórico de agressão.

— Como é que é?

— Atacava coleguinhas no maternal. E, até os dez anos de idade, continuou agredindo colegas na escola.

— N-não. Quer dizer, s-sim. Mas eu era muito nervoso, muito irritado. Como é que é a palavra? Ah, sim. Neu-ras-tê-ni-co. É o que eu era.

— E não é mais?

— Ainda sou um pouco. Mas menos, pois tomei medicação para controlar minha raiva durante toda a minha infância.

— Tá bom, não temos tempo a perder. Diga seu nome, idade, endereço e me conte a sua versão dos fatos.

— Me chamo Jorge Wagner, tenho quinze anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco.

— Devo deixar claro que está aqui com a autorização de seus pais.

— Posso começar?

— Sou todo ouvidos.

Acordei com o Leopoldo me sacudindo. Estava histérico porque tinha uma espinha minúscula no rosto. O Leopoldo é um chato, mimado e egoísta.

— Me deixa dormir — falei.

Ele então foi para o banheiro, enquanto eu tentava voltar a dormir. Mas o danado do sono se foi de vez. Aí, fiquei pensando que seria bom ter um quarto só meu. Só que minha família anda economizando, nossos *shows* não dão quase nada. Se não fosse o emprego de professor do meu pai e a aposentadoria do vovô, nem sei.

Ouvi o Leopoldo chorando dentro do banheiro. Ele tem dessas coisas. Mas eu não conseguia acreditar que era tudo por causa de uma espinha ridícula. Acho que ele anda meio apaixonado por alguém além de si mesmo. Mas com aquela voz de taquara rachada, fica difícil conquistar qualquer pessoa. É muito desafinado o meu irmão. Em um *show*, dia desses, levou um tomate podre na testa. Se não estivesse podre, eu até que levava o tomate para casa, pois a situação está difícil. Quando o tomate se despedaçou na testa do Leopoldo, não aguentei, caí na gargalhada. Mas aí um espertinho na plateia jogou um em mim também. Então o meu sangue subiu. Sou meio nervoso, já disse. Desci do palco e parti pra baixaria. Então uns seguranças lá me tiraram da muvuca. Não sei, seu detetive, mas às vezes meu sangue ferve, perco a cabeça, sou muito nervoso, o senhor sabe.

O Leopoldo é meu irmão, apesar de tudo. Então me levantei, bati na porta do banheiro.

— Está tudo bem aí, Leopoldo? — perguntei.

— Me deixa em paz! — ele respondeu.

— Sai daí, preciso fazer xixi — eu disse.

— Faz lá embaixo — falou.

— O vaso de lá está entupido, seu energúmeno. Esqueceu? — falei.

— Se vira! Só me deixa em paz! — respondeu.

É um mimado egoísta o Leopoldo. Só pensa em si mesmo. É o queridinho da família. Tudo é para ele, eu fico com os restos. Leopoldo pra lá, Leopoldo pra cá. E o pobre Jorge é um zero à esquerda.

Desci, abri a porta da cozinha e fiz xixi no muro que divide nossa casa com a do vizinho. E quase morri de susto quando olhei para cima e me deparei com um gato preto de olho azul. Dei um pulo para trás, o que assustou o bichano, que deu o seu pulo também e alcançou o telhado do vizinho.

Quando entrei na cozinha, Leopoldo estava lá, os olhos vermelhos de tanto chorar. Procurava um pão dormido para mastigar.

Olhei para ele assim meio de rabo de olho, irritado, e estava me afastando quando ele perguntou:

— Acha que sou muito feio?

— Não muito, só um pouquinho — respondi, com um sorriso irônico.

Ele quase me “vaporizou” com os olhos.

— Mentiroso! — falou, entre dentes.

Eu estava subindo as escadas quando o vovô apareceu só de cueca e sem camisa.

— Vovô, não está sentindo frio não? — perguntei.

Ele me olhou como se eu fosse um estranho e falou assim:

— Respeite seu superior, marinheiro insolente!

Dei de ombros. Que família louca eu tenho. E fui para o meu quarto. Quando cheguei lá, percebi que o Leopoldo tinha rasgado o meu álbum de figurinhas. Sou colecionador de figurinhas de jogadores de futebol.

Fiquei com tanta raiva que tive um ataque epilético. Perdi a consciência, e, quando acordei, minha mãe estava ao lado da cama. Meu pai tinha me colocado lá, e ela estava se fingindo de preocupada. Me engana que eu gosto. Só tem olhos para o Leopoldo, o queridinho da mamãe.

— Já está melhor? — ela perguntou.

— Tô tranqui — respondi.

— Ótimo, pois tenho muito o que fazer — ela falou, seca.

E saiu, assim, mais misteriosa do que o normal. Sabe, detetive, minha mãe é estranha demais. Vive sempre com um olhar perdido, como se guardasse algum segredo. Acho que um dia vou descobrir que sou adotado ou filho de um extraterrestre, sei lá.

Meu pai entrou, preocupado. Mas não comigo, é claro. Começou a vasculhar meu quarto em busca de alguma coisa, o que agora sabemos o que era, não é mesmo?

— Está procurando o quê, pai? — perguntei.

— Nada, nada. Dorme. Descansa — falou.

Então me lembrei do que me tinha deixado naquele estado.

— O Leopoldo rasgou meu álbum, pai — disse eu.

— Tá, tá, tá. Não seja mimado. Pare de implicar com seu irmão. Você não é mais uma criança — falou.

— Mas, pai... — tentei protestar.

Ele não deixou e disse:

— Não tenho tempo para me ocupar com briguinha de adolescentes. Vocês dois estão passando da hora de crescer.

— Está procurando o quê? — perguntei e falei assim: — Já estou ficando nervoso de novo.

— Não está aqui — disse ele e saiu, deixando-me sozinho e perplexo com tanto mistério.

O vovô passou gritando em frente à porta:

— O navio afundou! O navio afundou!

Um bando de loucos! Eu bem que queria ter uma família normal. Mas acho que ninguém tem, né? Isso não existe, foi o que disse meu professor de Filosofia. É, não existe.

Acabei adormecendo de novo. Após um ataque desses, o corpo sente, dá um cansaço! Aí acabei entrando num sonho muito louco.

Nicole tinha engolido o violino, sua barriga tinha cordas que eram tocadas com o arco. Tem gente que chama o arco de vareta; mas vareta é parte do arco, entende? Não? Tudo bem, sou um tanto detalhista. Ela segurava o arco e tocava a si mesma, pois era um violino. Mas quando abria a boca, um clarinete berrava. Dos olhos dela, lágrimas de ouro escorriam pelo seu rosto.

Leopoldo voava em cima da nossa casa. Tinha asas azuis e uma espinha no nariz. E gritava que era um anjo azul de voz macia. Porém, quando tentava cantar, saía de sua boca uns guinchos de assustar. Então ele começou a chorar, e onde as lágrimas caíam, uma pequena chama era acesa. O telhado começou a pegar fogo. O vovô veio na proa de um navio imenso e derrubou todas as casas vizinhas. Quando parou diante da nossa casa, o mar invadiu todos os espaços. Pude ver peixes nadando no meu quarto.

Minha mãe apareceu com um rabo de sereia e arrastava o Júnior dentro da água como se ele fosse uma boneca sem vida. Então me senti afogar. E, desesperado, acordei. No canto do quarto, estava meu violoncelo. Acho que é meu único amigo.

Fui até ele, peguei o arco, acariciei meu amigo e toquei a *Bachiana nº 5*, do Villa-Lobos. Ela me leva para longe, toco sempre quando estou precisando fugir dessa família de loucos. Meu celo não pode tomar sol e tenho todo o cuidado para a sua madeira não rachar. Se alguma coisa acontecesse com ele, nem sei, eu morria.

— E a Geni?
— Quem?
— Geni, a empregada de sua família.
— Nunca tivemos empregada com esse nome.
— Como não? Seu irmão disse...
— Ah, o Leopoldo é um mitomaníaco.
— Você quer dizer que...
— É um mentiroso compulsivo.

— Então não têm uma empregada?

— Temos. Mas não se chama Geni.

— Qual o nome dela?

— Esmeralda.

— O seu depoimento acaba colocando seu irmão como principal suspeito.

— Ele é mitomaníaco.

— Você já disse isso.

— Pois então.

— Mentira não é doença.

— Nesse caso, é, detetive.

— Está dizendo que seu irmão não é responsável pelos seus atos?

— Ele é irresponsável pelos seus atos, se é que me entende.

— Não brinque comigo, rapaz.

— Desculpa, detetive, não quis ofender. Só estava realizando um exercício de inteligência.

— E já que é tão inteligente assim, você desconfia de alguém?

— É claro que foi o Leopoldo.

— Irmãos deviam ser amigos.

— Está dizendo que devo acobertar o seu crime?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Leopoldo não é amigo de ninguém.

— Então está acusando o seu irmão.

— Só pode ser ele, é capaz de tudo para chamar atenção.

— Sabe o que me ocorreu neste exato momento?

— Que deve prendê-lo agora mesmo, apesar de ele ser irresponsável? Estou plenamente de acordo.

— Não, a investigação ainda não acabou.

— Então não sei.

— E se o mitomaníaco for você?

ORLAND WAGNER

— Meu nome é Orland Wagner, tenho vinte e dois anos, moro no bairro Bornheim, na Berger Strasse, número dezenove.

— *Okay*, conte a sua versão dos fatos.

Eu estava dormindo na cabine coletiva, quando acordei com um estrondo. Os outros marinheiros também acordaram assustados. O marinheiro John Falkner, apavorado, ajoelhou-se e começou a repetir:

— *God, bless me, please. Forgive me, Lord. I'm a sinner.*

Os outros começaram a rir, pois Falkner era um medroso e, por qualquer coisa, caía de joelhos e implorava o perdão divino.

Ele continuou ali na cabine, preparando-se para o juízo final. É lamentável ver um homem assim a se borrar todo por causa de um nada.

Os outros e eu saímos da cabine e fomos até a proa. Uma sirene tocava, e havia certa movimentação. A embarcação tinha batido em alguma coisa, o casco estava seriamente avariado. Caminhei até a amurada e olhei para a escuridão do mar lá embaixo.

Pedi ao Hernández, marinheiro porto-riquenho, a lanterna. Sabia que ele tinha uma, pois Hernández tinha medo do escuro e não se separava nunca de seu "*ojo de luz*", como dizia, metaforicamente. Tentei direcionar o foco de luz em direção a um ponto do casco que parecia estar mais danificado,

quando o navio deu um arranco. E não pude evitar, a lanterna caiu no abismo salgado.

Percebemos, então, que, do outro lado, um marinheiro tinha caído na água. Alguns homens gritavam para que ele pegasse uma boia salva-vidas lançada ao mar. Mas o marinheiro que, aliás, era um exímio nadador, foi tragado pela escuridão.

E, então, a coisa que estava encravada no casco, desprendeu-se dali, e o mar começou a inundar o navio. Era questão de minutos para que a embarcação fosse a pique. Alguns homens começaram a correr de lá para cá, buscavam salvar seus pertences, enquanto outros, mais heroicos, soltavam os botes salva-vidas para que pudéssemos sobreviver ao naufrágio iminente.

Então, um objeto luminoso, do tamanho de um ônibus, ergueu-se do mar, o que provocou ondas, que tombaram o navio para a direita. Agora não tínhamos mais do que cinco minutos. Muitos marinheiros gritavam, outros rezavam, alguns choravam. Quanto a mim, só pensava em sobreviver a qualquer custo. Cada um se agarrava ao que podia. Alguns, como eu, estavam pendurados na amurada do navio. Enquanto isso, o objeto luminoso parou no céu, como a nos observar. E, de repente, como num passe de mágica, desapareceu de nossas vistas.

Eu sabia que, quando o navio afundasse, eu ficaria preso embaixo dele. Portanto, tive que pensar rápido, e decidi pular no mar. Nadei e afastei-me ao máximo da embarcação. Logo ela se virou completamente de borco e afundou-se.

Durante alguns minutos, tive esperança de que alguns de meus companheiros tivessem sobrevivido. Mas nada, a tripulação inteira desaparecera no abismo.

Por um momento, estive às portas do pânico; mas uma boia salva-vidas passou por mim e agarrei-a. Pelo menos, poderia poupar forças, esperar o resgate, pois eu me apegava à esperança de sair com vida daquela aventura.

Para encurtar a história, após algumas horas à deriva, eis que sinto um tremor vindo das profundezas do oceano. Tive medo, muito medo, pensei que ia morrer. E, quando senti aquela coisa tocar meus pés, no auge do desespero, desmaiei.

— Seu Orland, estamos perdendo nosso tempo aqui.

— Então não quer que eu conte os detalhes? Mas, na vida, os detalhes é que fazem a diferença!

— Não chamei o senhor aqui para ouvir suas histórias fantasiosas de monstros marinhos.

— Não mencionei monstros marinhos, oficial.

— Estou sendo paciente com o senhor, pois estou ciente de sua condição.

— E por que é tão respeitoso com um simples marinheiro?

— O senhor é mais velho do que eu. É por isso, e só por isso, o tratamento respeitoso.

— Zomba de mim.

— Parece que não chegaremos a lugar algum, não é mesmo?

— Chegaremos à verdade, oficial. Ou, se preferir, guardarei comigo essa aventura incomum. E poderá arquivar o processo como sendo delírio causado por insolação.

— Não, não se levante. Espere um momento.

— Oh, desculpe-me por meu atrevimento, não esperei as ordens do meu superior.

— Não é isso. É que estou curioso. Afinal, que coisa foi essa que o fez desmaiar?

Pois era uma espécie de submarino gigante, de um tamanho jamais visto. Dentro dele, cabia uma cidade.

Oficial, contarei o que vi lá dentro. Homens e mulheres de quatro metros de altura. Para que tenha uma ideia, havia crianças com o meu tamanho. Tenho um metro e setenta e cinco, e ficar perto daqueles seres provocou em mim grande desconforto.

Não me mantiveram preso ou me maltrataram. Fiquei livre para caminhar dentro daquele submarino. Seus habitantes olhavam-me com curiosidade, espanto ou mesmo raiva, pois alguns deles pareciam contrariados com a minha presença ali.

Apenas um deles, com um sotaque misterioso, manteve contato comigo. Falava muito bem o alemão. Perguntei-lhe se moravam no abismo do mar. E ele foi direto, disse que viviam no futuro e que aquilo não era um submarino, mas uma máquina do tempo. Era uma base, dela saíam módulos para diversas partes do espaço-tempo. A

missão deles era monitorar o passado e garantir um futuro de abundância e harmonia.

Vivi ali durante um mês e aprendi coisas inimagináveis. Porém, preciso de mais tempo para narrar tudo o que vi e ouvi antes de acordar, à deriva no mar, horas depois do naufrágio, e ser resgatado pelos homens do meu tempo.

— Realmente, não temos tempo para suas alucinações, Seu Orland.

— Não são alucinações, eu vi os homens do futuro.

— Seu Orland, em que ano estamos?

— Ora, em 1948!

— Não, estamos em 2015.

— Não pode ser.

— O senhor tem um filho e netos.

— Não zombe de mim.

— Estamos aqui para discutir um problema, digamos, familiar.

— Quer me dizer que viajei para o futuro?

— Tenho um espelhinho em meu bolso. Aqui está. Olhe!

— Não, não pode ser! Esse velho não sou eu!

— Esse aí no espelhinho é o senhor.

— Eu não posso acreditar.

— Não fique agitado, apenas aceite a realidade.

— Dormi durante todo esse tempo ou os gigantes estão brincando comigo?

— Não, o senhor viveu a sua vida e chegou até aqui.

— Mas não me lembro!

— Não queria perturbá-lo assim. Pensei apenas em trazê-lo para a realidade.

— Que realidade? Não sei mais quem eu sou. Quero voltar! Preciso voltar! Quero minha vida de volta! Sou um marinheiro.

— Não grite, Seu Orland.

— Veja minhas mãos! Só agora as percebo assim envelhecidas.

— Agora tente se lembrar do que aconteceu naquele dia em que sua neta...

— Não me lembro de nada! Não tenho neta!

— Fale-me do furto, seu Orland, fale-me do furto.

— Eu quero a minha vida de volta!

ESTÊNIO WAGNER

— O que faz aqui, Leopoldo? O depoimento é do seu pai.

— Leopoldo Wagner, por favor, detetive.

— Que seja.

— Estou aqui como tradutor do meu pai.

— Seu pai não fala português?

— Não, fala só a língua do pê.

— Ora, não brinque comigo, rapaz.

— Não é brincadeira. Assim o senhor até nos ofende. É que meu pai sofreu um acidente de carro há alguns anos. Bateu a cabeça e, quando acordou, depois de um mês de coma, só falava a língua do pê. Como disse o médico na época, isso era mais um “mistério da mente humana”.

— Era só o que me faltava!

— Pois não falta mais, meu sarcástico detetive.

— O seu jeito de falar me irrita, rapaz.

— Sinto muito, mas hoje estou me sentindo assim como se fosse uma espécie de imperador.

— Cada um com sua mania.

— Mas vamos ao que interessa. Se consegue entender a língua do pê, posso sair e deixá-los a sós.

— Pode ficar, se seu pai quer assim.

— Obrigado.

— Então, podem falar.

— Peu pome pé Pestênio Pagner, penho puarenta pe pete panos, poro po pairro Pristo

Pedentor, pua pa Penciclopédia, púmero pois pil pe printa pe pinco.

— Meu nome é Estênio Wagner, tenho quarenta e sete anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco.

— Pou púsico pe professor.

— Sou músico e professor.

— Para, para. Isso é uma palhaçada.

— Detetive, imagino que conheça as leis mais do que eu, um mero civil adolescente. Mas discriminar meu pai por causa de sua “peculiaridade” não me parece legal.

— *Okay*, *okay*. Então qual é sua versão dos fatos, seu Estênio?

— Antes que meu pai responda, devo dizer-lhe que o seu tom de voz, caro detetive, está me incomodando.

— E devo dizer-lhe que o seu também está, meu rapaz. Por acaso sofre de algum tipo de esquizofrenia? Dupla identidade ou sei lá que termo técnico devo usar para isso?

— Prezado detetive, não sei se o senhor percebeu, mas há vários cantores que também são atores. Devo exercitar todo o tempo, pois o palco é minha casa.

— Então vá brincar de ator em outra freguesia.

— Acho que vou exercer nosso direito a um advogado.

— Leopoldo.

— Wagner, Leopoldo Wagner.

— Leopoldo Wagner, estamos no Brasil, não em um seriado americano.

— Parem pom pisso, por pavor!

— Parem com isso, por favor.

— Entendi o que o seu pai disse.

— Pentão, posso pomeçar peu pepoimento?

— Então, posso...

— Chega, Leopoldo, pode sair. Eu consigo entender o seu pai.

— Tudo bem, seu esquentadinho. Eu só queria ajudar. *Goodbye, au revoir, adiós, auf Wiedersehen*...

— Saia.

— Tchau.

— Agora que seu filho se foi, pode me dizer tudo o que aconteceu, por favor, seu Estênio.

— Pacordo podo pia por polta pe pumas pinco poras pa panhã. Paquele pia, pacordei pas puatro poras porque pestava pem pono pe porque pambém po peu paçula, po Púnior, pinha pacordado pe pinha pulher pé puito preguiçosa, pabe?

— *Okay*, *okay*, chega! Vou precisar da ajuda do Leopoldo, infelizmente.

— Muito bem, detetive. Um homem da lei precisa ser humilde e reconhecer suas fraquezas.

— Do que está falando?

— Ora, de sua incapacidade de entender meu pai e sua língua do pê.

— Não teste minha paciência, Leopoldo Wagner.

— *Okay*, *okay*. Meu pai vai falar aqui baixinho comigo para não incomodar vossa senhoria com a sua “peculiaridade”, e traduzirei tudo tintim por tintim.

Ele acordou às quatro horas da manhã, porque não conseguia dormir e também porque o Júnior precisava de cuidados, e minha mãe é muito preguiçosa.

Meu pai diz que o Júnior é um *baby* incomum, que aos dois meses de idade disse sua primeira palavra: “Sa-xo-fo-ne”. Acredita? Uma palavra tão difícil! Meu pai acha que ele é um tipo de gênio, um ser iluminado, com uma inteligência superior. Eu discordo, é claro, pois uma família não pode ter dois prodígios. E como sabe, detetive, assumi essa função na família desde que nasci. Não disse “*pop star*” aos dois meses, mas nasci com essa voz perfeita e com beleza física, atributo essencial nos dias de hoje, já que artistas não devem ser inteligentes, mas belos, belíssimos. Quando falei pela primeira vez, meus pais adormeceram, pois minha voz tem o poder de acalmar as feras. Não que meus pais sejam feras, o senhor entendeu o que eu quis dizer.

Está bem, pai, não fique zangado. Que culpa tenho eu de ser naturalmente o centro das atenções? Mas deixe-me voltar ao fatídico dia em que o delito foi perpetrado. Gostou, detetive, da palavra “perpetrado”? Decorei-a de um dicionário virtual. Sabe o que significa? *Okay*, *sorry*, voltarei ao que interessa *ao senhor*, é claro.

Estava lá meu pai no quarto do Júnior, que, apesar de parecer gênio, ainda não sabe usar o banheiro sozinho. Foi quando ouviu o violoncelo do Jorge. E espantou-se, pois eram cinco da manhã. De qualquer forma, não deu tanta importância, pois sabe que músicos são assim, tocam em qualquer lugar e em qualquer hora. Não são como nós, cantores, que somos o próprio instrumento, então precisamos cuidar de nós mesmos. O senhor sabia que as pregas vocais são parte de um instrumento humano criado pela natureza e não um produto da cultura? O cantor usa um instrumento natural.

Deixe-me continuar. Então, onde eu estava? Ah, sim. Bom, recuso-me a contar detalhes da troca de fraldas. Mas, curioso, parece que o Júnior, naquela madrugada, disse o meu nome: “Le-o-pol-do-Wag-ner”. Até um *baby* sabe pronunciar o nome de uma estrela. Meu pai, depois de trocar o Júnior, levou-o até o quarto de minha mãe. Porém ela não estava lá. Então, ele deu uma volta pela casa, olhou em todos os cômodos e não a encontrou. Voltou para o quarto do Júnior, ligou a televisão e buscou um desses desenhos estranhos que passam de madrugada. O Júnior gosta muito deles. Ficaram ali, deitados, lado a lado, o *baby* e meu pai, que logo adormeceu, enquanto o Júnior se deliciava com as imagens na tevê. Mas, de repente, houve aquele grito, que acordou o meu pai.

— Há algo de muito errado em toda essa história.

— Realmente, considerar uma criança idiota um gênio é o fim da picada.

— Não estou falando disso, Leopoldo.

— Leopoldo Wagner.

— Que seja.

— O senhor me parece meio confuso.

— Os depoimentos de vocês não batem. Alguém está mentindo. Ou todos, não sei.

— Isso é uma acusação muito séria, detetive. Devo lembrar-lhe...

— Basta.

— Nestas horas, tenho vontade de fazer uma faculdade de Direito. Mas só de pensar em ler tanta coisa chata, dá uma preguiça!

— Nem mais uma palavra, chega de seus delírios.

— *Okay*.

— Si-lên-ci-o.

ESMERALDA DA SILVA

— Conheço os meus direitos. Não, não serei acusada de um crime que não cometi. O sindicato tem advogados. Conheço os meus direitos. Não sou ignorante, detetive, já li Marx de cabo a rabo. A burguesia tenta de todas as formas oprimir o proletariado.

— Calma, minha senhora. Não estou acusando ninguém de nada por enquanto. Só estou colhendo depoimentos para constar no inquérito.

— Então ainda não preciso acionar o advogado do sindicato?

— Quero apenas o seu depoimento. Portanto, diga seu nome completo, idade, endereço e ocupação.

— Está bem. Meu nome é Esmeralda da Silva, tenho quarenta e dois anos, moro na rua do Alvedrio, número dois, bairro Copenhague e sou empregada doméstica.

— Secretária do lar?

— Como?

— Me disseram que é a expressão politicamente correta.

— Não muda o que sou socialmente. Explorada pela classe burguesa detentora do capital.

— *Okay*, *okay*. Vamos ao seu depoimento.

Quando cheguei, por volta das oito da manhã, o fato já tinha ocorrido. Portanto, não tenho muito a dizer. Nicole chorava, inconsolável. Toda a família estava em torno dela, na sala, inclusive o Júnior,

que engatinhava pelo chão, alheio ao drama. A mãe estava sentada numa poltrona, com aquele seu olhar perdido. Ela parece estar sempre insatisfeita, como se quisesse estar em qualquer lugar do mundo, menos em meio àquela família.

O pai tentava acalmar a filha, dizia-lhe que as coisas se resolveriam, que tudo não passava provavelmente de um engano. Mas a menina não parava de chorar. Totalmente mimada, não sabe lidar com frustrações. O que foi? Só porque sou empregada doméstica, acha que não posso dizer “frustrações” sem comer os erres? Isso tem um nome: pre-con-cei-to. Li muitos livros, sim, senhor.

Leopoldo lixava as unhas num canto da sala, com o seu costumeiro sorrisinho irônico nos lábios. Está ali uma pessoa in-su-por-tá-vel. Aquele menino sempre foi frio, vive completamente indiferente à sua família. E-go-cên-tri-co! E mau. Sim, há nele certa maldade. Mas é melhor deixar o julgamento para o senhor.

O outro, o Jorge, aquela mosca morta, estava tocando seu violoncelo. Uma música triste de fazer chorar. Se pretendia consolar a irmã, não estava conseguindo, sem efeito aparente.

Quando perceberam a minha presença, todos olharam para mim de um jeito muito es-pe-ci-al. Reconheci logo aqueles olhares. Todo integrante das minorias deste país já sentiu o brilho de punhal de um olhar de desconfiança da elite burguesa. Afinal, o culpado é sempre o subalterno.

— Faça uma água com açúcar para a Nicole — disse-me Adelaide.

Nunca ouvi um “por favor” vindo da boca daquela mulher. Além disso, é uma inútil, não é capaz de fazer uma água com açúcar. A menina lá tendo um ataque de nervos, e a rainha do lar em seu trono de espuma a esperar pela criada, pois não pode sair de sua pose e misturar um pouco de água em um pouco de açúcar.

O quê?! O senhor deve estar brincando comigo! Nunca, em toda a minha vida, chamei minhas patroas de “dona” ou “senhora”. Ninguém é minha dona, ninguém é minha senhora, não sou posse de ninguém. Só me faltava agora chamá-las de “sinhá”, era só o que me faltava. Não, eu as trato como sou tratado por elas. Também me chamam pelo primeiro nome. Dou-lhes o mesmo tratamento.

Fiz a tal água com açúcar, porém a Nicole pegou o copo com água doce e jogou-o contra a parede, numa crise de estrelismo juvenil. O Júnior assustou-se e começou a chorar. E nada aconteceu com a menina, nenhum castigo, nada. Eu tive que limpar a sujeira que ela fez. E ver tudo isso me deu uma vontade de abandonar aquela casa e nunca mais voltar, nem para buscar os atrasados. Mas respirei fundo e percebi que era um problema deles. Era melhor não me meter na educação dos filhos dos outros.

Vou lhe dizer, detetive, meu salário está atrasado há dois meses. Portanto, posso apostar que os pais deram um sumiço no estradivário. Só espero que paguem o que me devem com o dinheiro da venda do instrumento. Roubaram-no

porque são fracos, não tiveram coragem de desafiar a Maria Antonieta. É assim que chamo a Nicole. Um poço de soberba aquela menina! Se acha uma rainha. Mas não passa de uma aborrescente mimada.

Mas então, eu estava na cozinha, quando o Leopoldo entrou. Toda manhã encontro a pia abarrotada de vasilhas sujas. Enquanto eu as lavava, ele sentou-se sobre a mesa, descascou uma banana que estava ali na fruteira e disse:

— Geni.

Ele me chama de Geni, criou um personagem para mim.

— O que foi, Leopoldo? — perguntei.

— Você acredita em vida após a morte? — ele falou.

— “A religião é o ópio do povo” — citei Marx, em resposta.

— Quem foi que falou em religião? — resmungou e repetiu a pergunta: — Geni, você acredita em vida após a morte?

— Não, Leopoldo — falei, sem intenção de esticar a conversa.

— Pois eu acredito — falou e depois disse assim: — Afinal, pessoas especiais como eu merecem viver eternamente.

Fiquei calada.

Ele disse:

— Quando a Nicole morrer, vai levar aquela bolsa vermelha com ela, não tenho dúvida disso.

A Nicole tem uma mania. Aonde vai, ela leva a porcaria de uma bolsa vermelha com ela. Essa

menina é cheia de manias. O Leopoldo já roubou a bolsa uma vez e escondeu-a. E Nicole quase morreu de desespero. Depois de fazer a menina chorar bastante, o Leopoldo entregou-lhe a tal bolsa.

— Sabe o que é um estradivário, Geni? — perguntou-me Leopoldo.

— Não é porque sou empregada doméstica que sou ignorante — respondi.

Ele me olhou como um pescador que acaba de fisgar um peixe.

— Então sabe que vale muito dinheiro, né?

Percebi, pelo seu tom de voz, que ele estava insinuando que eu tinha roubado o violino da Nicole. Encarei-o e disse-lhe que ele devia ser claro e não escorregadio como uma serpente. Disse-lhe que ele era um jovem maquiavélico.

Não me olhe assim, detetive, eu também já li *O príncipe*, de Maquiavel. E disse-lhe isso. Mas ele pensou que eu estava me referindo ao livro *O pequeno príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry. Sim, também já fiz aulas de francês e li *Le petit prince* no original. E sua cara de espanto só mostra o seu preconceito, detetive. Assim como o Leopoldo, que, além de venenoso, é também ignorante.

Ele sorriu-me com desprezo e falou que não tinha lido livros em francês; mas que lia muitos romances policiais. O que é uma grande mentira, pois tem preguiça de ler, de pensar. O máximo que conhece de romances policiais é por meio de filmes de quinta categoria.

Eu conheço meus direitos, detetive. E disse ao Leopoldo que falso testemunho é crime. Quando

acusamos alguém de cometer qualquer delito, precisamos ter provas, apesar de, no Brasil, a pobreza ser sinônimo de bandidagem. A elite não suporta as classes baixas e não percebe que, sem o nosso trabalho, ela não poderia usufruir de seu luxo e das futilidades que tanto valoriza.

Confesso que, naquele dia, eu estava um tanto nervosa, quebrei dois copos enquanto os lavava. E o Leopoldo disse, autoritário, que descontariam em meu salário, como se eu ganhasse algum salário. Já lhe disse que não recebo há dois meses? Claro que disse, isso está entalado na garganta, preciso cuspir essa verdade de vez em quando para poder respirar.

Sabe aqueles dias em que acordamos estressados, porque estamos cansados da rotina? Pois é, era um desses dias para mim. O que obviamente contribuiu para que suspeitassem de mim. Além do fato, é claro, de eu ser socialmente subalterna. Mas um dia a igualdade virá, um dia não haverá mais opressão!

Então o Seu Orland apareceu, só de camisa e cueca. Parou no meio da cozinha e ficou olhando para a porta. Depois começou a falar em alemão. Não sei o que falou, pois domino pouco o alemão.

A família não leva a sério o tratamento dele. Deixa-o lá, a piorar a cada dia. Aliás, naquela família, é cada um por si.

Seu Orland foi até a geladeira, pegou uma caixa de leite, abriu-a e despejou-a toda sobre a própria cabeça, enquanto gritava “*Schnee! Schnee!*

Schnee!", que é "neve" em alemão. Parecia uma criança.

Os Wagner são a pior família para quem já trabalhei, sem sombra de dúvida. Só vou esperar que me paguem os atrasados e não trabalho mais naquela casa de loucos.

— Me diga uma coisa, Esmeralda. Por que a senhora...

— Senhorita, por favor, não sou casada.

— Tudo bem. Senhorita.

— O senhor é casado, detetive?

— Hum, n-não.

— E não está procurando a tampa de sua panela?

— S-sim. Quer dizer, n-não.

— A mulher que o senhor escolher será uma mulher de muita sorte.

— O-obrigado. Mas voltemos ao que interessa.

— Seu desejo é uma ordem...

— Há quanto tempo mesmo a senhorita trabalha com os Wagner?

— Faz dez anos.

— Não entendo por que trabalha com eles há tanto tempo se não os suporta.

— Conveniência.

— Explique-se, por favor.

— Não sou ignorante, li Marx. A elite não quer esse tipo de gente em sua casa, prefere as empregadas servis. Minha fama já se espalhou pela cidade, acho mesmo que pelo país, pois a elite é unida contra os subalternos.

— Não entendi.

— Sou *persona non grata*, detetive.

— Seja mais clara.

— Por um lado, nenhum patrão ou patroa me querem trabalhando para eles. Por outro, nenhuma empregada quer trabalhar para os Wagner. Matemática simples, não?

— Entendi. Só não entendo por que uma mulher culta está nessa situação. Não quero desmerecer sua profissão; mas uma mulher que leu Marx poderia ter um trabalho melhor.

— Detecto ironia a quilômetros de distância.

— Não foi ironia.

— Que seja. Os mecanismos da opressão são perversos. Neste país, não basta querer, é preciso ter. Aqui não melhoramos de vida com o trabalho, é preciso já nascer com vantagem. Mas eu já nasci com déficit em relação à elite. E o sistema trabalha contra mim.

— O sistema?

— Esta força invisível que mantém os pobres na pobreza e os ricos na riqueza.

— Ah…

— Posso ir agora? Tenho livros para ler.

— Está liberada.

— No mais, o senhor tem meu telefone. Está aí na ficha, né? Se quiser bater um papo e coisa e tal...

— O-obrigado. Se eu tiver alguma dúvida, entro em contato.

ADELAIDE WAGNER

Meu nome é Adelaide Wagner, tenho cinquenta anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco, e sou médium vidente.

Sou uma mulher bonita e sensual, o senhor pode perceber. Sempre fui assim, o que fez com que muitos homens quisessem me namorar. Até o dia em que encontrei o Estênio, meu atual marido. Isso porque, ao seu lado, havia um espírito iluminado que me disse que aquele homem era o meu destino.

Aliás, detetive, vejo uma mulher ao seu lado. Ela está muito triste. Oh! Chora sangue! Não, não suporto olhá-la! Vá-se embora, por favor! Foi. Que bom. O senhor anda tendo contato com criminosos de mais.

O fato é que sou melancólica, pois vejo muita coisa desagradável que ninguém vê. Digo isso porque sei que minha família me odeia e deve ter falado muito mal de mim. Então, antes de desconfiar de mim, detetive, entenda a minha situação. Eu jamais cometeria um crime contra minha própria família. Aliás, sei o que houve naquele dia fatídico; mas os espíritos não permitem que eu revele o mistério. Entenda, sou apenas uma ponte entre este mundo e o outro, devo seguir certas regras, sou subordinada a eles.

Os meus poderes psíquicos começaram ainda quando eu era um bebê. Com menos de um ano de vida, eu já trocava ideias com os mortos, se é que

me entende. Ah, quanta coisa desagradável já vi. É o preço a pagar por ter o dom da profecia. Pois é, não só falo com os mortos, eles também me contam sobre o futuro. Quer saber o seu futuro, detetive? Não? Eu entendo. Saber o que vai acontecer nos paralisa. Eu mesma não sei o meu futuro. Não permito que os espíritos me contem.

Minha mãe acendia velas para as almas do purgatório e rezava para que descansassem em paz. Muitas vezes, alguns desses espíritos atormentados estavam às gargalhadas ao seu lado. Eu sei, eu sei, não devo falar dessas coisas, não devo assustar as pessoas. É demais para vocês, não é? Coitadinha da minha Nicole, sempre teve medo dos mortos. E não gosta de me ouvir falar deles. Acho que tem o mesmo dom que eu, mas o reprime. Algumas pessoas conseguem fazer isso, reprimir a mediunidade. Acho que tocar violino para fugir dos fantasmas funciona para ela. Mas agora que lhe roubaram o instrumento...

Já lhe disse que sei o que aconteceu, detetive. Mas cumpro ordens superiores. Não posso revelar, por enquanto, a verdade dos fatos. O estradivário tem um destino a cumprir, e o senhor também.

“Eu sou um grãozinho de areia no arco-íris.” Nicole escreveu isso quando tinha oito aninhos. Minha pequerrucha é, além de exímia violinista, uma poetisa! Os artistas acham que criam do nada; mas eu sei que são os espíritos que sopram nos ouvidos deles as inspirações.

Que bom que Nicole foi abençoada com isso, pois se fosse depender de sua beleza, coitadinha,

não seria ninguém na vida. Pois minha filha é realmente feia, pobrezinha, não puxou à minha beleza, não é como eu. Acho até que ela é tão depressiva por causa disso, a minha beleza a incomoda. Mas sempre lhe digo que ser feia é muito bom, pois não é fácil ser assim tão atraente como eu.

Por onde passo, todos me olham, pois minha beleza, meu *sex appeal*, ai! são avassaladores. Como Helena de Troia, também possuo uma beleza que pode provocar guerras. É realmente uma maldição ser tão bela, detetive. Nicole tem muita sorte.

Aliás, sei que o perturbo, detetive. Mas sou uma mulher casada e fiel, não adianta me olhar assim com esses olhos pidões. Sugiro que me libere logo, antes que o senhor perca a cabeça. Repito, sou mulher casada, mãe de quatro filhos.

Não adianta negar, detetive, sei o que minha beleza pode causar. Mas tudo bem. Vou fazer de conta que minha beleza não o perturba e falarei do dia fatídico. O que é uma perda de tempo, pois o senhor não descobrirá quem é o ladrão, há forças maiores que não querem isso.

Oh! Eles estão de volta, detetive! Estão à sua volta, estão em todo o lugar. O mundo espiritual se mistura ao mundo material diante de meus olhos. Que vertigem! Acho que vou desmaiar. Vejo duendes, fadas, corujas, gnomos, sacis, botos, tubarões...

— Chega de palhaçada!

— A sua raiva atrai maus espíritos, duendes do mal, fadas malignas.

— Com todo respeito, dona Adelaide...

— Ops! Maga Adelaide. Sou maga, com certificado e tudo.

— Com todo respeito, não estamos aqui para isso.

— O Além é soberano, os espíritos não escolhem nem hora nem lugar!

— Mas eu escolho.

— Sua aura está embaçada.

— E a minha paciência chegou ao fim.

— Energias negativas geram cânceres.

— Impedir uma investigação policial gera cadeia.

— Vocês céticos são tão cegos!

— Isto aqui não é uma consulta mediúnica, é uma investigação policial.

— Não dou consultas, minhas “orientações” são gratuitas.

— Alguém furtou um estradivário. Meu trabalho é descobrir quem fez isso, além, é claro, de recuperar o instrumento.

— Já disse que é uma perda de tempo.

— Por que a família Wagner vem dificultando o meu trabalho? Parece até que tem algo a esconder.

— Sempre fui um livro aberto.

— Se a família não queria uma investigação, por que deu queixa de furto?

— Aliás, quem foi o responsável pela queixa?

— Deixe-me ver aqui... Uhm, seu filho, Leopoldo Wagner. Os espíritos não lhe disseram?

— Sua ironia não me atinge, detetive.

— Estou aqui em busca da verdade.

— A verdade é que o Leopoldo é menor de idade, não pode prestar queixa.

— Sim, ele pode.

— Não vê que o Leopoldo gosta de chamar atenção? É um menino inseguro, carente e egocêntrico.

— Quer dizer que não houve um furto?

— Houve um desaparecimento.

— Pessoas desaparecem, coisas são furtadas.

— Mas o estradivário é uma pessoa! Quer dizer, está possuído pelo seu criador.

— Sei que vou me arrepender. Mas fale-me mais sobre isso.

— Estou contrariando as ordens dos espíritos e pagarei caro por isso.

Detetive, acho que você não ignora que os violinos chamados de estradivário foram feitos pelo Stradivari, famoso pelos violinos que construiu. Por ter uma qualidade de som única, tais violinos são valiosos, são uma raridade. Pois bem, a alma do Stradivari tomou posse do violino, agora o instrumento da Nicole está possuído pelo espírito de seu criador.

Esse tipo de possessão é mais comum do que o senhor pode imaginar. Pois bem, o instrumento ganhou vida e saiu da minha casa sozinho, pela porta da frente. Foi isso que aconteceu. Se criou pernas e andou, não sei. Se flutuou, não sei. Se se arrastou, não sei. E, a menos que o senhor

Stradivari decida voltar com seu instrumento, o mesmo estará perdido para sempre.

Por que está me olhando assim? Tenho pena dos que não podem ver o que vejo. Quanta cegueira. A maldição do estradivário é muito conhecida entre magas como eu. Os violinos feitos pelo falecido Stradivari foram possuídos mais de uma vez. Ou seja, qualquer roubo desse instrumento não passou de possessão. E, sinceramente, não podemos considerar crime o fato de o criador tomar posse de sua obra, não é mesmo?

— O que está fazendo aqui, Leopoldo?

— Leopoldo Wagner, por favor.

— Que seja.

— Acho que minha mãe merece ser acompanhada de seu advogado.

— Mas você não é um advogado.

— É verdade. Desculpa, detetive, é que entrei no personagem.

— Então saia.

— Do papel ou daqui?

— Dos dois lugares.

— Não posso.

— E por que não?

— Preciso falar a sós com o senhor.

— Que seja.

— Obrigado.

— A senhora pode ir, dona Adelaide.

— Mas não saia da cidade, ouviu, mãe?

— Chega, Leopoldo.

— Desculpe, delegado.

Agora que minha mãe saiu, posso dizer o que vim fazer aqui, detetive. Vim denunciá-la como sendo a autora desse roubo. Eu sei que antes eu disse que tinha sido a Geni. Mas mudei de ideia. Na noite do crime, vi minha mãe, por volta das cinco horas, andando como uma sonâmbula pela casa. Resolvi segui-la. Porém, meu avô pensou que eu era um soldado americano e me perseguiu com o seu fuzil enferrujado por toda a casa. Não sei se lhe falei; mas ele lutou na Segunda Grande Guerra Mundial. Sim, pasme! Meu avô é nazista. Tem uma suástica pintada na parede de seu quarto. Aconselho que o senhor o investigue, ele deve estar sendo procurado por cometer crimes contra a humanidade. Acho que ele era o braço direito de Hitler. Está velho aquele velho! Noventa e tantos anos! Viveu muito aquele decrépito nazista. Vou pesquisar mais, deve haver alguma recompensa pela cabeça dele.

Conheço já esse seu olhar, detetive. Desculpe-me por divagar tanto. É que tenho tanto para pensar que acabo me perdendo. Mas voltemos à minha mãe. Quando consegui despistar o nazista de terceira idade, eis que surpreendo a minha mãe enterrando alguma coisa no quintal. Cheguei a pensar que fosse um corpo, que tivesse dado cabo da vida de alguém. Mas depois que soube do roubo, tudo ficou claro como água, água limpa, é óbvio, não água poluída. Acho que no futuro essa expressão “ficou claro como água” não fará mais

sentido. Cada vez mais a água para consumo humano está ficando suja. É a poluição. Logo logo teremos que beber água de esgoto. Acho que isso já acontece.

Respire fundo, detetive. Não fique assim tão "agastado". Descobri essa palavra semana passada. Uma estrela *pop* brasileira foi quem disse. Achei tão simpática a palavra que agora estou usando. Estou gastando o "agastado". Percebe? Isso é um "trocadilho". Aprendi essa palavra também na semana passada. Preciso ampliar meu "léxico". Essa aprendi faz um mês. Artistas como eu precisam saber falar em público, impressionar seus fãs, inspirá-los a serem inteligentes, a lerem. Eu odeio ler, claro, uma perda de tempo. Mas é politicamente correto incentivar os fãs a lerem. E sou um artista politicamente correto.

Então, voltando à minha mãe, não foi ela quem roubou. Calma! Não tenha uma crise nervosa. O senhor não é mais um menino, pode ter um ataque cardíaco. E não quero ser culpado por isso, não mesmo. Aliás, o senhor pode não acreditar, mas simpatizo muitíssimo com vossa pessoa. Então devo explicar que minha mãe é médium. Ela já falou, né? Então quem roubou o violino não foi ela, foi um espírito ladrão. Quando ela anda assim feito um zumbi à noite, pode saber, está possuída por uma alma do outro mundo. Para ter ideia, um dia falei com o Cazuza! Outro dia, com os cinco integrantes do Menudo... Como é que é? Eles não morreram? Então eram espíritos brincalhões que estavam zombando da minha cara. É que esse grupo é do

“tempo do Onça”. Essa expressão aprendi com minha avó, ela é uma figura.

Acredito, detetive, que o espírito do próprio Stradivari tomou conta do corpo da minha mãe e enterrou o violino no quintal. Não sei por que, mas acho que ele anda meio revoltado com seus violinos. Deve ser um perfeccionista e percebeu que seus violinos não eram tão perfeitos assim. E resolveu eliminá-los. Digo isso porque há notícias no mundo inteiro de estradivários que desapareceram. Isso me parece claro como água, claríssimo.

Mas, por favor, não prenda a minha mãe quando escavar o quintal e achar o tal instrumento. Ela é só um cavalo. Não sei se sabe, mas “cavalo” é como chamam o médium que recebe o espírito em seu corpo. Ela não pode ser responsabilizada pelo crime de um morto! Isso seria muito injusto. Os mortos vêm, fazem o que bem entendem, e como estão mortos, não podem ser punidos pela justiça dos homens. Então a pobre mula... Acho que “mula” é outra coisa. Mas, enfim, a pobre mãezinha vai para a cadeia pelo crime que outro cometeu. E quem vai acreditar nela? A justiça é muito cética em relação a espíritos. O que faz bem, já que qualquer um pode dizer que é inocente e colocar a culpa em um espírito.

IOLANDA SILVEIRA E SÓ

— Por favor, diga seu nome, endereço e profissão.

— Meu nome é Maria Eudoxa da Silva, tenho setenta e dois anos, moro no Centro, rua Venceslau Rio Acima, número zero, sou aposentada.

— Mas seu nome não é Iolanda Silveira e Só?

— Se sabe o meu nome, por que perguntou?

— É de praxe. Isso é um inquérito policial.

— Balela! Isso é uma comédia! Uma grande besteira!

— Modere o seu discurso, dona Iolanda.

— Senão, fará o quê?

— Posso prendê-la por desacato à autoridade.

— Experimente!

— Não me provoque!

— Você sabe com quem está falando?

— Dona Iolanda Silveira e Só.

— Impertinente! Sou uma juíza aposentada, conheço muita gente influente que pode fazê-lo ser demitido.

— Se já foi juíza, sabe que a lei iguala a todos. Ninguém deve ter privilégios.

— Veremos!

— Então, diga seu nome, idade, endereço e profissão.

— Meu nome é Iolanda Silveira e Só, tenho setenta e dois anos, moro no Centro, rua Altino Brito, número dois mil quinhentos e sessenta e seis. Sou juíza aposentada.

— Qual o endereço verdadeiro? O primeiro ou o segundo?

— Não é detetive? Descubra.

— Pois bem. Conte-me o que presenciou no dia do suposto delito.

Eu estive em uma festa da terceira idade, bebi demais e acabei parando o meu carro na frente da casa da minha filha. Ela percebeu que eu estava bêbada, recriminou-me por estar dirigindo alcoolizada, e eu a mandei para aquele lugar. No entanto, devo concordar, estava inapta a dirigir. Portanto, aceitei dormir em sua casa naquela noite. Como os quartos estavam todos ocupados, foi-me reservado um lugar no sofá da sala. Uma idosa como eu, e ninguém se deu o trabalho de ceder a cama para mim. Minha família é constituída por um bando de egoístas.

Quando fico bêbada, tenho muitos pesadelos. Alguns dizem mesmo que são alucinações. Então acho que não serei útil a esta sua besteira de inquérito policial. Mas bem, cochilei e sonhei que estava beijando o juiz Casimiro Lima, um velho asqueroso de noventa anos, e o beijo tinha gosto de absinto. Foi um pesadelo horrível, pelo simples fato de que eu estava gostando de beijar aquele porco. Acho que era por causa do gosto de absinto. Amo absinto!

Algumas pessoas acham que sou alcoólatra. Mas sou apenas uma aposentada que gosta de saborear bebidas alcoólicas variadas em vários momentos do dia. Mas não sou alcoólatra, jamais.

Alcoólatras não conseguem viver um dia sequer sem tomar uma bebida alcoólica. É verdade que não me lembro do dia em que passei sem álcool; mas é porque gosto e não porque sou viciada. O dia em que eu não quiser tomar nada, assim o farei.

E não me olhe com esse arrogante olhar irônico. Sou uma juíza aposentada! Tenho mais experiência do que você jamais terá. Não venha me julgar, seu arrogantezinho burocrata e subalterno. Estou me lixando para as suas ameaças de prisão. Já ultrapassei os limites da legalidade. Tenho um câncer no fígado e os dias contados.

Agora me olha com essa cara de pena. Dispenso sua compaixão. Todo mundo morre, não morre? Então, você também vai morrer. Eu vou antes de você; mas já vivi bastante. Aliás, você não deveria estar perdendo tempo com um suposto furto de violino; mas sim com um possível assassinato. Minha família quer acelerar minha morte e ficar com minhas economias. O que ela não sabe é que meu testamento impede que meus parentes fiquem com um centavo sequer. Como eu gostaria que Adelaide fosse realmente médium, aquela charlatã, pois assim ela poderia ver-me rindo na cara dela quando soubesse da minha decisão.

Uma filha que quer a herança da mãe não deveria tratá-la tão mal, não deveria deixá-la dormir em um sofá, com risco de morrer sufocada no próprio vômito enquanto tem inúmeros pesadelos! E foram tantos! Eu acordava, dormia, sonhava. Voltava a acordar, a dormir, a sonhar. Nem posso lhe dizer o que foi real ou fantasia. Vi praticamente

todos os moradores dali circularem pela casa na madrugada, inclusive a Nicole, a minha neta dissimulada.

Não duvido que seja ela a ladra do próprio instrumento. Aquela menina é muito carente, necessita chamar atenção. Desde criança, vive jogada às traças, sem o afeto dos pais, dois egoístas que só pensam em si mesmos. Certas pessoas não deveriam ser pais ou mães. Deveria haver um teste, uma espécie de concurso para pais. Os reprovados deveriam ser proibidos de terem filhos, sob pena de morte em caso de desobedecerem à lei.

Sou a favor da pena de morte. Não podemos permitir que os criminosos andem à solta por aí. Fui processada várias vezes por incorrer contra os direitos humanos. E quase perdi o meu cargo e o meu direito de exercê-lo. Mas sou mão de ferro e tenho costas quentes. Pois, neste país, é preciso conhecer as pessoas certas. Então posso lidar com essa corja de bandidos que assola esta nação. Você disse que a lei é para todos? Ingênuo! A lei não se aplica a mim, pois eu sou a lei!

Naquela noite, eu estava fora de combate. Do contrário, tinha pegado meu carro e ido embora daquele lugar. Mas tive que ficar. E julgo ter visto o Leopoldo fuçar a minha bolsa, em busca de dinheiro. Um ladrãozinho que deveria sofrer os rigores da lei. Julgo ter sentido também alguém mexer nos meus cabelos. Acho que era o Jorge que estava fazendo tranças em mim. Aquele menino é muito esquisito.

Mas de uma coisa tenho certeza, vi aquele velho nazista. Ele caminhava pelado pela casa e conversava com alguém invisível. Então, com exceção do velho pelado, não tenho certeza se realmente vi os outros perambularem pela casa naquela noite. Pois também vi o Júnior voar, literalmente. E isso é impossível. A não ser que ele seja algum tipo de alienígena, o que não me surpreenderia.

Como vê, detetivezinho, não tenho muito o que dizer, não poderei ajudar a polícia hoje. E estou extremamente chateada por ser incomodada em minha aposentadoria, ter que sair de casa debaixo de um sol escaldante, ainda mais depois da festa de arromba de ontem. Por isso estou aqui, com esses óculos escuros e com muita vontade de voar em seu pescoço e arrancar sua cabeça fora.

Mas sou apenas uma juíza aposentada, velha e cancerosa, com os dias contados. Então, não me diga o que é certo ou errado e não me olhe com esses seus olhos moralistas. Você é um subalterno da lei, um mequetrefezinho do sistema.

O que pensa que está fazendo? Nem pense em me tocar com essas mãos sujas! Se me algemar, vai se arrepender do dia em que nasceu. Não! Não pode fazer isso. Sou uma juíza aposentada! Sou uma pobre velha no leito de morte! Vou acusá-lo de gerontofobia! Vou arrancar seus olhos!

— Por que me chamou, detetive? Já lhe disse que sou uma mulher casada.

— Dona Adelaide, sua mãe foi presa por desacato à autoridade.

— E o que tenho a ver com isso?

— É sua mãe.

— Lembre isso a ela, não a mim.

— Ela pediu que eu lhe chamasse, pois é uma mulher doente.

— Ela pode contratar um advogado. Ganha uma ótima aposentadoria. E, aliás, não levanta um dedo para me ajudar.

— O que faço então?

— E pergunta para mim? A autoridade aqui é o senhor.

— Tudo bem, verei o que fazer.

— Posso ir ou isso foi só um pretexto para me ver?

— Não entendo o que quer dizer.

— Imagino que não.

— Já que está aqui, gostaria que respondesse a uma pergunta.

— Sim.

— É possível que sua filha tenha ocultado o violino?

— E por que faria isso?

— Para chamar a atenção.

— Ora, isso não tem cabimento.

— Então, obrigado por vir. Tem certeza de que não quer ajudar sua mãe?

— Ela não precisa de ajuda.

— É verdade que ela está doente?

— Sim, tem um câncer. Mas não quer se tratar.

— Em função disso, acho melhor então liberá-la.

— O senhor é quem sabe.

NICOLE WAGNER

— Meu nome é Nicole Wagner, tenho treze anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco. Meu pai se chama Estênio Wagner, e minha mãe é Adelaide Wagner.

— Devo deixar claro que está aqui com a autorização de seus pais.

— Quero meu violino de volta, delegado.

— Não sou delegado. Sou o detetive Miranda, ao seu dispor.

— O que faço agora?

— Diga-me o que aconteceu no dia em que seu violino sumiu.

Sou uma menina prodígio, detetive Miranda ao seu dispor. Aprendi a tocar violino com dois anos de idade. E só não faço consertos pelo mundo inteiro porque meu cachê é tão alto que ninguém está disposto a pagá-lo. Mas há um complô contra mim, todos querem o meu mal. Foi assim desde sempre. Pessoas como eu despertam a inveja dos outros, disse meu avô um dia.

Na noite anterior ao roubo do meu Stradi (é assim que eu o chamava), tive uma tontura e senti um forte enjoo. Nunca vomitei tanto em minha vida, nem naquela vez em que comi atum estragado no pastel da escola. Mas, naquela noite, pensei que ia morrer. Suava frio, meu corpo tremia, tudo indicava que eu tinha sido envenenada. Porém, já estou acostumada, todos querem o meu mal.

— Espere, espere. Está dizendo que sofreu uma tentativa de assassinato?

— E-xa-ta-men-te.

— E seus pais sabem disso?

— Evidentemente, já que foram eles os culpados.

— Está acusando seus pais de tentativa de assassinato?

— Eles me odeiam! Sempre quiseram o meu mal.

— Tem certeza do que está dizendo?

— Absoluta.

— Como pode ter tanta certeza?

— Minha mãe tentou me matar quando eu era um bebê.

— Como foi isso?

— Ela me deixou sozinha na banheirinha de plástico, e quase morri afogada.

— E quem a salvou?

— Dizem que foi meu avô.

— Não foi um acidente?

— Como o acidente em que meu pai tentou me matar engasgada?

— Como foi isso?

— Eu tinha três anos de idade, e ele me deu um peixe com uma enorme espinha, que se cravou em minha garganta.

— E como escapou?

— Meu avô me salvou novamente. Enfiou o dedo em minha goela e arrancou a espinha assassina.

— Interessante.

— Mas não pense que foram só eles. Leopoldo também já tentou acabar com a minha vida.

— Veja só. Isso muito me interessa.

— Me empurrou do alto de uma cachoeira quando estivemos de férias em um lugar paradisíaco.

— E como sobreviveu?

— Meu avô tinha acabado de colocar um bote enorme lá embaixo, e, por sorte, caí dentro dele, que estourou, é claro, mas amorteceu minha queda.

— E quantos anos você tinha?

— Cinco anos de idade.

— E não puniram o Leopoldo?

— Nem o Leopoldo e nem o Jorge.

— O Jorge?

— Quando eu tinha dez anos, ele botou fogo na nossa casa e me trancou dentro dela.

— Mas como vocês ficaram sozinhos em casa?

— Todos viajaram, com exceção do meu avô, que estava tomando conta da gente. Mas ele tinha ido à padaria, e o Jorge se aproveitou da situação.

— E o que aconteceu?

— Por sorte, o meu avô chegou e chamou o corpo de bombeiros, que me salvou, heroicamente.

— E por que você é tão odiada?

— Não sei. Uma vez minha avó juíza me disse que eu era a reencarnação do mal e tentou me matar com uma estaca. Sorte que o vô Orland chegou e deu-lhe uma chave de pescoço. Mas depois ela disse que não se lembrava de nada, pois estava bêbada.

— E quem mais tentou matá-la?

— Esmeralda, nossa empregada. Tenho alergia a suco de tomate. Então ela, de propósito, misturou suco de tomate ao meu suco de beterraba. Quase morri sem ar.

— Então seu avô chegou e...

— Como sabe? Isso mesmo! Ele chegou e fez uma traqueostomia, um furo no meu pescoço para que eu pudesse respirar. Tinha aprendido isso na Marinha alemã.

— Mais alguém?

— O Júnior, ontem, jogou seu carrinho na minha testa, até desmaiei. Não vê aqui o galo?

— Não, não vejo.

— É que meu tecido se regenera muito facilmente.

— E por que nunca procurou a polícia?

— Tive medo. A polícia também não é confiável. Entenda, detetive, que convivo com tentativas de assassinato desde que nasci. Foram inúmeros os meninos e meninas da creche, e depois do colégio, que tentaram contra a minha vida. Os vizinhos também. Não estou segura em lugar nenhum. E agora então...

— O que quer dizer?

— Compus uma música perfeita, superior a toda e qualquer outra. Nem Mozart, nem Beethoven, ninguém foi capaz de compor algo tão genial. Só que há um problema, só consigo tocá-la no meu violino. Então, resolveram sumir com ele para que a música se perca.

— Não tem partitura?

— Claro que não! Alguém pode roubá-la. Todos estão contra mim, detetive! Então, fico com a música aqui na cabeça. Agora que sumiram com o meu violino, creio que não demorará muito para que alguém tenha sucesso na tentativa de me eliminar. Há uma conspiração, não querem que minha obra-prima venha a público. Há muitos interesses em jogo no mundo da música.

— Que interesses?

— Muitos, variados, diversos e complexos. Nem posso lhe dizer.

— Sei...

— Agradeço a ajuda, detetive. Mas não tem jeito, não conseguirá encontrar o ladrão, que também deve ser o assassino.

— Não houve assassinato.

— Ainda não. Mas é inevitável. Sou uma ameaça para muita gente.

— Está bem. Pode ir. Mas antes, por que seu avô é o único que não quer vê-la morta?

— Porque ele quer a música que está na minha cabeça. Desde que nasci, ele soube que havia uma música dentro da minha cabeça.

DOUTOR FREUD

— Pois não, doutor...

— Doutor Freud, doutor Freud.

— Está de brincadeira comigo?

— Não, delegado.

— Não sou delegado. Detetive Miranda, ao seu dispor.

— Detetive então.

— Qual o seu nome verdadeiro?

— Sigmund Freud.

— Mais um louco para me atazanar a vida.

— Não sou louco, sou psiquiatra.

— E qual a diferença?

— A diferença entre médico e paciente.

— Olha, doutor Sigmund Freud, não tenho tempo para suas maluquices.

— Veja minha identidade. Olha aqui o meu nome.

— Sigmund Freud de Faria e Silva.

— Isso mesmo. Minha mãe era uma admiradora do famoso psiquiatra alemão. Então, quando nasci, batizou-me com esse nome. O senhor sabe como são os cartórios no Brasil. Se o pai quiser chamar o filho de Nada da Silva, ele será registrado como Nada da Silva.

— Que coincidência o senhor ser também psiquiatra, hein?

— Não acredito em coincidências, mas no inconsciente. De tanto ser chamado de Freud, acabei por querer ser o próprio.

— Pois bem, doutor Freud. O que o traz aqui?

— Ah, sim. A família Wagner, é claro.

— Quando ouço esse nome, sinto arrepios.

— Chegou até meus ouvidos a notícia de que estão envolvidos no desaparecimento de um violino.

— Estamos sim investigando um suposto furto.

— Pois venho lhe dizer que encerre essa investigação, poupe dinheiro ao Estado e tempo à polícia.

— O senhor tem alguma novidade sobre o caso?

— A palavra correta não é bem “novidade”, já que o que venho lhe dizer não é nada novo.

— E o que seria?

— A família Wagner é um caso extremamente curioso, pois é a primeira família 100% mitomaníaca já documentada em toda a história da psiquiatria.

— Documentada?

— Fiz um estudo com a mesma, o que me rendeu grande prestígio entre a comunidade acadêmica.

— Então o senhor é de fato um doutor?

— Sim, fiz doutorado.

— No nosso país, as pessoas têm a mania de chamar médicos de “doutores” mesmo eles não tendo feito doutorado.

— E também chamam delegados de “doutores”, deveras curioso.

— Mas não sou delegado.

— E nem doutor, suponho.

— Supõe bem.

— Pois então, detetive Miranda. Não há motivo para seguir com esse processo, já que a família não é confiável.

— E qual seu interesse nisso?

— Ora, sou médico da família, trato todos os seus membros.

— Conferiremos essa informação.

— As portas do meu consultório estão abertas para a polícia.

— Ainda me parece suspeito.

— Eu?!

— Se incomodaria em dar um depoimento formal?

— Ora, precisarei de um advogado?

— Só se tiver algo a esconder.

— Todos temos.

— Está assumindo a culpa?

— Sou psiquiatra, detetive, conheço as pessoas.

— Vai dar o depoimento ou não?

— Formalizemos isso então.

— Pois bem, diga seu nome completo, idade, endereço e profissão. Em seguida, conte como conheceu a família Wagner e o que sabe sobre o possível furto do estradivário.

— Meu nome é Sigmund Freud de Faria e Silva, tenho sessenta e um anos, moro no bairro Gramado, rua Clarice Lispector, número dois. Sou psiquiatra e psicanalista formado em Harvard, Estados Unidos.

Conheci a família Wagner há cinco anos, quando o senhor Estênio Wagner levou seu pai Orland Wagner ao meu consultório, pois ele estava depressivo e esquecendo coisas. Percebi logo que o velho estava sofrendo de demência. Mas, enquanto eu fazia a consulta, percebi que ele tinha uma tendência a criar mentiras. E esse fato não parecia efeito de sua senilidade.

A primeira coisa que o senhor Orland Wagner me contou foi sobre sua experiência com seres extratemporais. O curioso é que ele acreditava em sua mentira. E, quando fiquei a sós com o filho, Estênio Wagner, notei também uma tendência mitomaníaca, pois ele narrava fatos exagerados e impossíveis de sua infância, como viajar ao centro da terra, igual ao livro de Júlio Verne. Naquele momento, ocorreu-me que poderia haver um possível gene da mitomania, minha descoberta mais significativa para a ciência. Quer dizer, ainda não consegui provar a existência de um gene; mas constatar uma mitomania familiar já me tornou um importante nome da psiquiatria mundial.

Essa família virou minha grande obsessão, pois sempre quis um Nobel. Felizmente, a família autorizou-me a coletar amostras de sangue. Além disso, fiz também um perfil psicológico de todos os seus integrantes.

O primeiro que analisei foi o Leopoldo Wagner. A sua mania de grandeza intensifica fortemente sua mitomania. A sua arrogância é doentia. Esse indivíduo criou uma realidade paralela, na qual ele é

uma espécie de deus. O que é muito perigoso, pois um deus não tem limites.

Para compensar, seu irmão Jorge Wagner tem complexo de inferioridade e usa a sua mitomania para alimentar essa sensação negativa de que não é amado. Portanto, cria histórias que o mantêm como vítima.

A irmã, Nicole Wagner, possui quadro acentuado de mania de perseguição e usa sua mitomania para convencer as pessoas de que é vítima de tudo e de todos.

A mãe, Adelaide Wagner, tem sintomas claros de psicopatia, possui total ausência de culpa e, além disso, tem o mesmo complexo de deus, no caso, deusa, do filho mais velho. Acredita ser uma mulher irresistível e usa sua mitomania para alimentar tais ideias de grandeza.

O pai, Estênio Wagner, é uma espécie de castrado, que, dominado pela mulher, cria histórias mirabolantes para fugir de sua dura realidade.

Já em relação ao velho alemão, Orland Wagner, devido à sua demência, o diagnóstico é mais difícil de ser dado; mas percebi, em sua ficha médica, quadros de mitomania relacionados às suas "histórias de pescador", ou melhor, de marinheiro.

A velha Iolanda Silveira e Só também apresenta mitomania, em grau leve. Inventa histórias para mostrar o seu poder. E tudo isso compromete imensamente minha pesquisa, já que, por serem de duas origens diferentes, ou seja, a família dos Wagner e a dos Silveira e Só, seria muita coincidência ambas terem o gene da mitomania. E

mais, a empregada também é mitomaníaca, o que me faz acreditar que a mitomania não é só genética, mas talvez possa ser também contagiosa.

Por isso, detetive, peço-lhe que não leve a fundo tal investigação, por ser uma perda de tempo, já que toda a família é mitomaníaca e nunca lhe dirá a verdade. Estou aqui como médico e cidadão, não quero que o Estado gaste tempo e dinheiro com um processo insolúvel como esse. É meu dever, como médico da família e como cidadão brasileiro, trazer-lhe tais informações. Não posso admitir que um caso médico se transforme em um caso policial.

DETETIVE MIRANDA, AO SEU DISPOR

— Sou o novo delegado.

— Detetive Miranda, ao seu dispor.

— E no meu primeiro dia, já fui informado de que está envolvido em uma investigação complicada.

— Está falando de quê, delegado? Estou trabalhando em muitas investigações. Na verdade, estou sobrecarregado.

— Por favor, me chame de “doutor”. Estou me referindo ao suposto furto de um estradivário.

— Ah, uma dor de cabeça.

— Imagino, pois fui informado de que deu voz de prisão a uma juíza aposentada.

— A lei é para todos, dele... doutor.

— Se a lei é para todos, por que então recebi uma advertência formal do governador?

— Questões políticas não me interessam, doutor.

— Mas deviam, detetive.

— Aqui se faz muita política e fala-se muito em ética. Mas a ética aqui é maleável, depende da política.

— Detetive, pessoas questionadoras demais não sobrevivem na polícia.

— Sei disso, doutor. Por isso o antigo delegado não está mais aqui.

— Detetive, dê-me detalhes do caso. Não me oculte nada. Quero saber como podemos nos defender caso isso dê alguma merda.

Supostamente, houve o furto de um estradivário. Então procedi à investigação. Estive na casa da suposta vítima, olhei em todos os cômodos e na parte externa da casa também. Pente-fino, doutor, pente-fino. O próximo passo foi tomar os depoimentos. E, durante os mesmos, deparei-me com contradições. No final das contas, parece que ninguém está interessado em que eu solucione o caso, todos parecem querer me confundir.

Leopoldo Wagner é o filho mais velho, tem dezesseis anos e diz que é cantor. É um garoto magricela, cabelos pretos e lisos, narigudo, pele muito branca. É um tipo convencido, acha que é melhor do que todo mundo. Segundo ele, a empregada da casa tinha dormido lá para cuidar do caçula da família, o que a mesma não confirma. Mas ele afirmou que ela foi a primeira a acordar. Assim, o Leopoldo, em seu depoimento, acusou a empregada, que ele chama de Geni mas que na verdade se chama Esmeralda, pelo furto do estradivário. Porém, é claro, ele não tem nenhuma prova ou argumento plausível para acusá-la, é apenas um jovem preconceituoso que culpa a empregada. Além do que, o doutor Freud disse que ele é mitomaníaco. É esse mesmo o nome do psiquiatra da família Wagner, registrado pelos pais como Sigmund Freud.

Jorge Wagner tem quinze anos, é mais baixo do que o irmão, relativamente gordo, cabelos lisos, como o irmão, mas bem aparados. É um jovem branco e tem olhos castanhos. É tido como “nervoso”, estopim curto. Mas não me pareceu nem

um pouco explosivo. De acordo com ele, já tomou medicação contra a sua neurastenia. Ele diz que, no dia do sumiço do estradivário, foi acordado cedo pelo irmão Leopoldo por causa de uma espinha que este tinha no rosto. Visivelmente, não gosta do irmão. Segundo ele, o Leopoldo rasgou seu álbum de figurinhas na manhã daquele dia. Isso então acabou provocando uma crise epilética em Jorge. De acordo com o seu depoimento, ele ficou no quarto, em repouso, naquela manhã, depois da crise. Acusou o irmão de ser mitomaníaco, no entanto não disse que também era, o que eu soube depois pelo doutor Freud. Porém, apesar de Jorge ter acusado o Leopoldo, não podemos levar isso em conta, já que não gosta do irmão.

Orland Wagner tem mais de noventa anos. É alto, muito branco e bem magro. Calvo, com alguns fios de cabelos brancos. Tem um nariz comprido e olhos grandes muito pretos, que parecem sempre atentos a tudo, principalmente a coisas que não estão aqui, mas em algum universo onírico. É alemão e parece que lutou na Segunda Grande Guerra Mundial. O Leopoldo diz que ele é nazista. Mas o fato é que o velho, quando esteve diante de mim, nem sabia que era velho. Acreditava ser um marinheiro de vinte e dois anos. Contou-me uma história sobre homens do futuro. Porém, segundo o doutor Freud, possivelmente ele também é um mitomaníaco, além de estar demente.

Estênio Wagner é um homem alto, louro, e tem um nariz muito parecido com o de seu pai, o velho Orland Wagner. Tem quarenta e sete anos, é

músico e professor. Pode parecer estranho; mas, segundo ele, desde que teve um acidente, só fala a língua do pê. Se é mentira, ele é muito bom nessa língua, pois foi bastante convincente. No mais, em seu depoimento, disse que acordou de madrugada para trocar a fralda do Júnior. Então ouviu o Jorge Wagner tocar seu violoncelo. Eram cinco da manhã, de acordo com Estênio Wagner. Além disso, segundo o mesmo, a sua esposa não estava no quarto e nem em nenhuma parte da casa. Parece que o casal dorme em quartos separados. Ainda segundo o depoente, o mesmo adormeceu ao lado do bebê, mas acordou com o grito da Nicole.

Esmeralda da Silva é a empregada dos Wagner. Parece ser politizada, diz falar línguas e ler muito. No entanto, o doutor Freud disse que ela também é mitomaníaca. Tem quarenta e dois anos, é alta, pele morena, cabelos encaracolados, e devo dizer que é muito atraente, apesar de ser muito masculina, quer dizer, ela tem uma postura muito rígida. Segundo ela, quando chegou à casa dos Wagner, de manhã, o estradivário já tinha desaparecido. Falou mal de toda a família, não gosta dos Wagner. Mas que empregado gosta de seu patrão? É a luta de classes, doutor, é a luta de classes.

Adelaide Wagner tem cinquenta anos, é alta, morena, olhos muito pretos, e tem um nariz de bruxa de desenho animado. No entanto, tem muita autoestima, acha que é sedutora e que nenhum homem resiste a ela. Além disso, se diz médium, vê fantasmas. Sei que o senhor, doutor, pelo que eu

soube, é feminista. Não quero parecer machista; mas Adelaide Wagner não me parece ser o tipo de mãe exemplar. No mais, ela criou uma história absurda de que o estradivário foi possuído pelo seu criador, o Stradivari.

Sinceramente, doutor, esse caso está me deixando muito desconfortável. É como se todos zombassem de mim com suas histórias absurdas. O Leopoldo Wagner diz ter visto a mãe perambulando pela casa por volta das cinco da manhã. Segundo ele, a mãe estava possuída por um espírito, possivelmente o próprio Stradivari, e enterrou o violino no quintal. Tomei a liberdade de conseguir um mandado para vasculhar o quintal. Mas não encontramos nada.

Iolanda Silveira e Só, como o senhor bem sabe, é uma juíza aposentada. Tem setenta e dois anos. É uma mulher alta, deve ter um metro e noventa de altura. Muito magra, encurvada, olhos verdes e pequenos. Nariz aquilino, boca flácida, lábios finos. Seus cabelos, obviamente tingidos, são da cor caju. É uma mulher arrogante e alcoólatra. Disse que foi obrigada a dormir na casa da filha na ocasião do suposto ilícito, pois estava bêbada demais depois de sair de uma festa. Dormiu no sofá da sala e não tem certeza do que viu, pois teve muitos pesadelos, ou alucinações. Segundo ela, a família quer vê-la morta para ficar com a herança. Não tem certeza de nada que viu naquela noite. Mas defende que a neta furtou o próprio instrumento só para chamar atenção.

E, por fim, temos a Nicole Wagner, a suposta vítima. A menina tem treze anos, é muito magra e pálida, cabelos lisos, tem um aspecto doentio e fantasmagórico. De acordo com o doutor Freud, tem mania de perseguição. E isso me pareceu claro. Ela acha que todos querem matá-la, com exceção do avô, que, segundo ela, quer roubar a música genial que ela tem escondida na própria mente.

É uma gente doida, doutor. Ouso dizer que não é caso de polícia; mas sim psiquiátrico.

— Pois bem, detetive Miranda.

— Ao seu dispor, senhor, ao seu dispor.

— O que me diz desse doutor Freud?

— Parece que é sério, doutor. Investiguei-o. É renomado em sua área. Mas...

— Mas...?

— Um colega dele, muito conceituado, acusa-o de ser mitomaníaco. Mas pode ser apenas uma briguinha de acadêmicos.

— Nunca se sabe.

— De qualquer forma, estou de mãos atadas nesse caso. Não consegui encontrar o violino e nem posso confiar nos depoimentos.

— Acareação.

— O que disse, doutor?

— Faça uma acareação. Reúna todos, inclusive esse doutor aí. Se não conseguir nada, seremos obrigados a arquivar o caso.

O VIOLINISTA NO TELHADO

— Senhor delegado, a acareação foi feita.
— “Doutor”, por favor.
— Esqueci que tinha doutorado.
— Não tenho.
— Então...
— É um capricho meu.

Reuni todos na casa dos Wagner, sem exceção. Quando mencionei a contradição de depoimentos entre a Esmeralda (Geni) e o Leopoldo, houve muita discussão. A senhora Esmeralda invocou Marx e Engels, ameaçou envolver o advogado do sindicato no caso e até mesmo chamar a imprensa. Mas Leopoldo manteve a versão de que a Esmeralda tinha dormido na casa naquela noite. Porém, doutor, esse garoto não é nada confiável. Percebi em seu rosto que ele se divertia enquanto a empregada espumava de raiva com a acusação. Então, recorri aos pais do rapaz, que negaram a presença de Esmeralda na casa, ou seja, Leopoldo estava mentindo. Quando o questionei a respeito, ele simplesmente respondeu que devia ter confundido os dias.

Mencionei então mais uma contradição. Leopoldo dizia ter estado com a empregada na cozinha; mas Jorge disse que o irmão estava lá sozinho. Então Leopoldo começou a brigar com o Jorge e disse que estava sendo perseguido, que o irmão tinha inveja dele, pois ele, o Leopoldo, era mais bonito, mais inteligente e mais talentoso. Jorge

ficou nervoso e deu-lhe um soco no olho. Leopoldo disse que ia prestar queixa por agressão. E acabou não admitindo que estava sozinho na cozinha, alegou amnésia pós-traumática, devido ao soco do irmão. Esmeralda logo apareceu com uma bolsa de gelo, o que muito me surpreendeu, e tratou o Leopoldo como se fosse um filho.

Quanto ao fato de que Jorge Wagner estava tocando violoncelo às cinco da manhã, este se defendeu, disse que tinha crises de sonambulismo, tocava enquanto dormia, e que, por isso, não era responsável pelos seus atos praticados durante o sono.

Então, o Leopoldo pegou a bolsa de gelo e jogou com força na testa do Jorge, que começou a chorar e teve uma convulsão, que, creio, era pura encenação. Pedi para o doutor Freud cuidar dele; mas este disse que era um psiquiatra, não um enfermeiro. Então tomei as providências de praxe, e enquanto virava a cabeça dele para que não se afogasse na própria saliva, julgo que o suposto epilético me olhou de uma forma diferente, como se estivesse verificando se sua atuação estava convincente.

Sobre o velho Orland Wagner, é famosa na família a história do tal naufrágio. Mas não encontrei nenhum documento que o comprove. E se são todos mitomaníacos, o velho provavelmente está mentindo. No mais, doutor, nada que o velho fale ou deixe de falar é relevante, dado seu estado avançado de demência.

Durante a acareação, o senhor Estênio Wagner não falava mais a língua do pê, disse que algo inexplicável tinha acontecido, acordara de manhã e estava curado.

Sobre o fato de que Adelaide Wagner, segundo o marido, não se encontrava na casa naquela noite, ela argumentou que era uma bruxa e gostava de dar passeios noturnos. Às vezes caçava sapos para fazer algumas bruxarias.

Diante da minha insinuação de que a família tinha problemas financeiros, a velha juíza disse que isso não era crime, era burrice, não crime. E no momento em que sugeri que a própria família tinha interesse no dinheiro da venda de um violino tão caro, Nicole começou a gritar e dizer que queriam matá-la, vender o violino e irem embora para a Alemanha. Foi difícil acalmar a menina.

Quando mencionei que o Leopoldo tinha visto a mãe, por volta das cinco horas da manhã, a caminhar pela casa, no dia do suposto delito, a mesma insistiu que tinha saído para dar um passeio e, portanto, não estava em casa.

Perguntei ao Leopoldo se ele tinha certeza do que vira. Ele olhou para a mãe e, com certa perversidade no olhar, confirmou seu primeiro depoimento e frisou que tinha visto a mãe enterrar alguma coisa no quintal.

Ela olhou-o com ódio e falou que se ele tinha mentido em relação à Esmeralda, por que estaria dizendo a verdade agora? E devo dizer que ela tem razão. Leopoldo não é confiável. Além do mais, já vasculhamos todo o quintal.

Então, de repente, tudo ficou meio confuso. O velho Orland Wagner levantou a mão e gritou "*Heil*, Hitler!", enquanto Adelaide Wagner começou a rebolar e a andar em círculo na sala. E vou dizer, doutor, essa mulher é uma atriz de primeira, pois sua voz se transformou, e ela começou a gritar feito Hitler, igualzinho, em alemão. Mas não entendi nada. Depois a voz mudou, e a suposta médium começou a falar em italiano: "*Sono Antonio Giacomo Stradivari*". Minha mãe falava italiano, então conheço um pouco do idioma. Mas meu conhecimento da língua é mínimo; portanto, não posso traduzir tudo o que foi dito.

Porém, a farsante não me engana, o pai dela era italiano, então domina essa língua. Pensou que ia me enganar com essa bobagem de espíritos. Só que não sou desses tolos que acreditam em tudo. Fato é que depois voltou ao normal e fingiu estar cansada. Ficou em silêncio durante o restante da acareação.

A juíza aposentada Iolanda Silveira e Só compareceu à acareação bêbada feito uma gambá. Protestou, disse que era um desrespeito chamá-la para aquela palhaçada e acabou dormindo sentada num sofá.

Eu disse a Nicole que ela fora vista por Iolanda, naquela noite, a caminhar pela casa. Então o rosto da menina se transformou, ela olhou para a avó com desprezo e disse que "essa velha alcoólatra e asquerosa não é confiável".

Leopoldo e Jorge negaram que estiveram ao lado de sua avó naquela noite. Mas ambos disseram

que a possibilidade de o outro ter feito o que a avó dissera era real.

Sobre as acusações de tentativas de assassinato contra Nicole Wagner, todos foram unânimes, inclusive o doutor Freud, ao afirmarem que isso não tinha acontecido. Nicole então começou a chorar, disse que estava sozinha e indefesa, que ninguém acreditava nela e que, quando eu fosse embora, eles se juntariam para matá-la.

Durante toda a acareação, o doutor Freud fazia anotações em seu *tablet*. Depois que tudo acabou, obviamente lhe pedi para ter acesso a suas anotações. E ele disse que só com um mandado judicial. Então ficou por isso mesmo. Mas acredito que logo ele escreverá algum livro com detalhes sobre a família Wagner.

Então, doutor, estou aqui para dizer-lhe que o caso não foi solucionado; muito pelo contrário, foi complicado pelos fatos que sucederam à acareação.

Percebi que o senhor Orland Wagner não estava mais na sala. Aí ouvimos um violino, o som vinha de fora. Todos fomos para a frente da casa. E lá estava o velho Orland Wagner, em cima do telhado. Tocava um violino. E que melodia agradável, meu caro doutor. Todos ficaram boquiabertos e ouviram em silêncio até o fim do espetáculo. Pois foi um espetáculo! Alguns transeuntes pararam para apreciar a música; mas não só a música.

O velho estava pelado sobre o telhado, assim como veio ao mundo. E algumas crianças na rua

riam dele. No entanto, a melodia era tão mágica que a nudez do velho ficou em segundo plano.

Quando cessou a melodia, todos perceberam que Nicole Wagner estava caída no chão, morta. Estávamos tão fascinados com o velho pelado que tocava o violino, que nem notamos o passamento da menina. A *causa mortis* foi parada cardíaca; mas há forte suspeita de envenenamento.

Já o violino foi identificado pela família como sendo o estradivário furtado. O instrumento então foi apreendido e examinado, e constatou-se que não era original. A família reconheceu que não tinha certeza da autenticidade do violino; mas disse que furto era furto, não importava o valor do objeto furtado.

Por fim, os Wagner não quiseram seguir com o processo, pois o velho não é mais responsável pelos seus atos.